

O PAPEL CRUCIAL DA ENFERMAGEM NO MANEJO DO CHOQUE SÉPTICO

MARQUES, Luiz Henrique Dos Santos¹
MARQUES, Sara Santos¹
AGUIAR, Thiago Souza¹
SANTOS, Cristiane Bittencourt Felicio²

¹ Graduandos do Curso de Enfermagem da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES – luizmarquess001@gmail.com; sarasmarquess06@gmail.com; aguiarthiagosouza@gmail.com

² Professor orientador: Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local, Especialista em Unidade de Terapia Intensiva Geral e Coronariana, Especialista em Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes e Especialista em Educação. Docente da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES – cristiane.santos@multivix.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A sepse é uma resposta inflamatória exacerbada do organismo a uma infecção localizada. De acordo com GARCIA *et al.*, 2020 o choque séptico representa uma forma mais grave de sepse, com disfunção orgânica grave que leva à queda da pressão arterial e baixa perfusão tecidual, podendo causar falência de múltiplos órgãos.

Para critérios de classificação, segundo MARIANO *et al.*, 2021, a sepse é caracterizada por infecção com disfunção orgânica e uma resposta desregulada do corpo. Quando essa síndrome leva a hipotensão resistente à reposição de fluidos e exige vasopressores para manter a pressão arterial média acima de 65 mmHg, classifica-se como choque séptico, que tem alta mortalidade em adultos. Nesses casos, os níveis de lactato também se elevam (acima de 2mmol/L).

A cada ano, a sepse é responsável por, pelo menos, 11 milhões de mortes no mundo. No Brasil, são registrados cerca de 400 mil casos de sepse em pacientes adultos por ano. Desse total, 240 mil morrem, um índice de 60%. Entre as crianças, o número anual de casos é de 42 mil, dos quais 8 mil não resistem, representando um percentual de 19% (BRASIL, 2023).

Uma abordagem epidemiológica realizada por JÚNIOR *et al.*, 2022, no período de julho de 2018 a abril de 2021, apontou que, mesmo durante a pandemia da COVID19, as notificações de sepse foram constantes e que a letalidade do quadro séptico nesse período teve um aumento significativo, tendo o SARS-CoV-2 como

único agente desencadeador do processo.

Em um estudo realizado em um hospital escola afim de analisar o conhecimento do enfermeiro sobre a sepse e o choque séptico, SOUSA *et al.*, 2020, afirmam que, a falta de especificidade dos sinais e sintomas são um fator que dificulta o diagnóstico precoce, uma vez que sinais e sintomas como febre, hipotensão, hipóxia, redução do débito urinário dentre outros, são sinais que podem ser encontradas em diversos quadros clínicos. Ele ainda afirma que o enfermeiro desempenha papel fundamental na identificação do caso, uma vez que esse profissional realiza um processo contínuo de cuidado ao paciente regido pela sistematização e do processo de enfermagem.

Diante desse quadro, a enfermagem possui um papel fundamental, que vai desde a identificação precoce dos sinais e sintomas até as intervenções necessárias para melhorar o prognóstico do paciente. Sendo assim, este estudo tem como objetivo descrever a importância da atuação da enfermagem no cuidado à pacientes em choque séptico e o conhecimento necessário para o manejo da sepse.

2 METODOLOGIA

Este presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica do tipo descritiva. A pesquisa ocorreu no período de outubro a novembro de 2024 e foram incluídos no estudo de artigos publicados em formato de texto completo nos anos de 2016 a 2024, escrito nos idiomas de português e inglês.

A busca ocorreu nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) na base de dados SCIELO, PUBMED, LILACS, além de consulta em sites do órgão nacional do Ministério da Saúde. Foram utilizados, para busca dos artigos, os seguintes operadores booleanos e suas combinações na língua portuguesa: “Equipe de enfermagem” AND “Sepse” e “Choque séptico” AND “Enfermagem”.

Após a pesquisa foram encontrados o total de 15 artigos. Depois de realizada a pesquisa, iniciou-se a etapa de leitura para a seleção de artigos pertinentes com o tema. Do total, após a leitura foram selecionados 10 artigos que possuíam maior relevância com tema proposto e estão dentro dos critérios de inclusão e exclusão. Como critérios de inclusão foram delimitadas as publicações efetuadas entre 2016 e 2024, que estivessem disponíveis na íntegra por meio de acervos eletrônicos, artigos publicados com textos completos em português e inglês. Foram excluídos artigos que

não atendiam ao objeto de estudo e em língua inglesa.

A coleta de dados compreendeu as etapas de identificação dos artigos, seus objetivos, desenvolvimento e conclusões. Sempre buscando respeitar a ética como forma de segurança e direitos autorais dos artigos.

3 DESENVOLVIMENTO

A sepse pode ser definida como um estado inflamatório sistêmico. E de acordo com GARCIA *et al.*, 2020 os sinais vitais como a temperatura e frequência respiratória são indicadores importantes de deterioração clínica e que podem indicar precocemente o estado de sepse.

Na prática hospitalar a mensuração destes sinais é competência da equipe de enfermagem, uma vez que são os profissionais que acompanham de perto pacientes em internação. O estudo de LOHN *et al.*, 2021 afirma que na detecção precoce do quadro séptico a atuação dos enfermeiros tem destaque, uma vez que são os líderes das equipes e possuem competência técnica e científica para avaliar alterações dos sinais vitais evitando a evolução para choque séptico e reduzindo assim o risco de morte.

A fim de auxiliar no manejo clínico existem inúmeras ferramentas e escalas de avaliação que norteiam os cuidados a serem realizados com o paciente séptico como o qSOFA, a SIRS, o News e MEWS que são exemplares destas escalas. O estudo de OLIVEIRA *et al.*, 2024 aborda o protocolo do National *Early Warning Score* (News) que é uma das principais escalas utilizadas atualmente em enfermarias para detectar a deterioração dos pacientes. O protocolo clínico de News avalia alterações na frequência cardíaca (FC), na frequência respiratória, na pressão arterial sistólica, na temperatura e na saturação de oxigênio (SPO2). Assim, uma vez que as alterações nos sinais vitais são identificadas o enfermeiro aplica no protocolo de News que classifica em fases de 1 a 3, onde a fase 3 corresponde ao estágio de sepse que requer a adoção das recomendações da Campanha de Sobrevivência a Sepse (SSC, no inglês) no manejo clínico do paciente.

Na primeira hora o estudo de LOHN *et al.*, 2021 mostra que deve ser realizada a coleta de gasometria com lactato, coleta de hemocultura, e a administração de medicamentos como antibióticos, cristaloides e drogas vasoativas prescritas pelo médico.

Para PIMENTEL *et al.*, 2019 a assistência de enfermagem pode ser distribuída dentro das primeiras horas após o diagnóstico por meio de *bundles* específicas por horário que contemplam as primeiras 3, 6 e 24 horas. Nas três primeiras horas deve ser coletado exames laboratoriais e realizado a reposição de volumes. Enquanto, no pacote das seis horas devem ser utilizados os medicamentos vasopressores e realizada a reavaliação de volumes e a reavaliação do lactato. Por sua vez, no pacote das 24 horas é recomendado a aplicação da sistematização de assistência de enfermagem (SAE).

O estudo de EVANS *et al.*, 2021 aborda as modificações recentes na SSC em relação às recomendações de 2016 que auxiliam de forma mais eficaz o tratamento do quadro séptico. Alguns destaques de atualização na campanha são: a não recomendação do qSOFA como único mecanismo de triagem ao ser comparado como os demais escores existentes; a utilização do tempo de enchimento capilar como forma complementar às medidas de perfusão para orientar a ressuscitação; a administração de vasopressores em acesso venoso periférico ao invés de esperar por um acesso venoso central; e o uso de ventilação nasal de alto fluxo para pacientes com insuficiência respiratória hipoxêmica induzida por sepse.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sepse e o choque séptico promovem alterações nos parâmetros vitais de um indivíduo e o colocam em risco de vida. Um manejo clínico eficiente e ágil é fundamental para promover um desfecho de reversão. O enfermeiro possui lugar elementar na detecção e no tratamento do choque séptico, sendo o responsável imediato das primeiras ações.

Nesse sentido, é fundamental que estes profissionais estejam habilitados e treinados em reconhecer as alterações significativas dos sinais vitais e atualizados em relação às atualizações e protocolos das ações de manejo clínico.

5 REFERÊNCIAS

BARRETO, Maynara Fernanda Carvalho et al. Sepsis in a university hospital: a prospective study for the cost analysis of patients' hospitalization. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 50, n. 2, p. 302-308, abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0080-623420160000200017>. Acesso em: 27 out. 2024.

BRASIL, Ministério Da Saúde. Dia Mundial da Sepse: Brasil tem alta taxa de mortalidade por sepse entre os países em desenvolvimento. 13 set. 2023. Disponível em:

<https://www.gov.br/ebserh/ptbr/hospitais-universitarios/regiao-sudeste/hu-ufjf/comunicacao/noticias/2023/dia-mundial-da-sepsebrasil-tem-alta-taxa-de-mortalidade-por-sepsedentre-os-paises-em-desenvolvimento>. Acesso em: 27 out. 2024.

EVANS, Laura et al. Campanha de sobrevivência à sepse: diretrizes internacionais para o manejo da sepse e choque séptico 2021. *Critical Care Medicine*, v. 49, n. 11, nov. 2021. Disponível em:

<https://www.sccm.org/SCCM/media/SCCM/PDFs/Surviving-Sepsis-Campaign-2021PortugueseTranslation.pdf> Acesso em: 30 out. 2024.

GARCIA, Pedro Celiny Ramos; TONIAL, Cristian Tedesco; PIVA, Jefferson Pedro. Septic shock in pediatrics: the state-of-the-art. *Jornal de Pediatria*, v. 96, p. 87-98, mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2019.10.007>. Acesso em: 27 out. 2024.

JÚNIOR, José Geraldo Santos de Lima et al. Características epidemiológicas da sepse nas unidades de saúde pública no brasil entre os anos de 2018 e 2021: impacto da pandemia de covid-19. *The Brazilian Journal of Infectious Diseases*, v. 26, p. 102090, jan. 2022. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1413867021005596?via%3Dihub>. Acesso em: 1 nov. 2024.

LOHN, Arilene et al. Perfil epidemiológico e clínico de pacientes com suspeita de sepse e choque séptico em emergência hospitalar. *Reme Revista Mineira de Enfermagem*, v. 25, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1415-2762-20210063>. Acesso em: 25 out. 2024.

MARIANO, Danielle Rodrigues et al. Perfil de pacientes com sepse e choque séptico em um hospital de trauma: estudo transversal. *Enfermagem em Foco*, v. 13, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707x.2022.v13.e-202255>. Acesso em: 25 out. 2024.

OLIVEIRA, Gabriella Novelli; NOGUEIRA, Lilia de Souza; CRUZ, Diná de Almeida Lopes Monteiro da. Efeito do national early warning score no monitoramento dos sinais vitais de pacientes no prontoso-corro. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 56, spe, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-220x-reeusp-2021-0445pt>. Acesso em: 26 out. 2024.

PIMENTEL, Tatielle Gomes Botelho. Assistência De Enfermagem Ao Paciente Com Sepse Em Unidades De Terapia Intensiva. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 04, Ed. 05, Vol. 05, pp. 05-16 Maio de 2019. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/paciente-com-sepse>. Acesso em: 31 out. 2024.

VILELA DE SOUSA, Thais et al. Conhecimento de enfermeiros sobre sepse e

choque séptico em um hospital escola. *Journal Health NPEPS*, v. 5, n. 1, p. 132-146, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/252610104365>. Acesso em: 26 out. 2024.

